



2.385
52

O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

E' meu barco o meu thesouro,
A Liberdade o meu Deos!
E'-me o peço unica patria
Lei a força, o vento, os céos!

ESPRONCEDA — *Imitação.*

Publica-se aos sabbados, na typographia GUANABARENSE de L. A. F. de Menezes, rua de S. José n. 45; onde subscreve-se a 1\$200 por trimestre; e vende-se avulso a 80 rs.

N. 1.

Sabbado 8 de Março.

1851.

O CORSARIO.

O CORSARIO entra tambem hoje no vasto mar das discussões, que se agitam, como em temporaes desencontrados, nas vagas dos dois partidos *Orsatista* e *Montanista*. O CORSARIO não vendeu a este ou áquelle a sua bandeira. E' livre como o oceano indomavel que lhe serve de patria; livre como o pensamento, que Deos allumiou na mente do homem! O seu culto é a intelligencia,—a sua divisa a justiça! Proclama ao estrondo das suas baterias a protecção do fraco e do opprimido contra o forte e o poderoso! Combate ao lado da innocencia contra a arrogancia dos falsos apóstolos d'alguma divindade irrisoria; severo e firme como um martyr, que succumbe, mas não treme diante dos tractos do algoz! Que lhe importa a elle com os pretores, que mal se

escutam no Forum, e acreditam já cingir o manto do consulado para subir ao capitolio? Que lhe importa a elle o vosear das turbas desenfreadas, que se revolvem no lodo das paixões, e cospem como a vibora o seu amargoso fel, movidas pelo instincto da maldade, ou pelas criminosas insinuações de seus chefes? Que lhe importa a elle com o barafustar dessas mediocridades parvas, que se arrastam como reptis pelas gandrás esterres, sem ter olhos para levantar ao menos uma vez a contemplar as maravilhas do Creador? Que lhe importa a elle com tudo isso quanto é baixo, mesquinho, ignobil? Elle que desfralda o seu pendão, e assesta os seus canhões em prol da innocencia, da justiça e do talento? Elle, que não teme os brados impotentes do homem, affeito como está a lutar contra o furor dos elementos? O CORSARIO sulca pois agora estes novos mares; respeitai-lhe a bandeira, que n'um momento arvorar no tope de seus

mastros! Ai d'aquelle, que intentar abater-lha! Nem só nas margens do Peneu, ou nas ribas da Grecia, o filho das mares se tornou indomavel, quando empunhava o sabre contra um inimigo audaz, aqui, tambem encontrareis quem saiba resistir ás abordagens, que a ignorancia e a mentira lhe preparar.

O CORSARIO reconhece, que nenhuma das duas jovens actrizes, que promovem esta luta, estão no caso de ser proclamadas artistas. Este nome, não se barateia impunemente; e quando se applica a quem ainda o não merece, é mais um sarcasmo do que um louvor! Partindo deste principio, o CORSARIO só defende o maior ou menor gráu do merecimento, que possa ter qualquer das duas jovens, que hoje absorvem o pensamento dos justadores theatraes. Mas a escolha não é difficil. A Sra. Montani tem uma superioridade incalculavel a respeito da sua rival. A Sra. Orsat pode ter uma educação mais esmerada, mas a sua competidora tem mais talento, mais comprehensão, mais instinctos, que são como as profecias da arte, que só depois se realizam, quando o conhecimento das regras e o aperfeiçoamento das faculdades moraes desenvolvem a intelligencia! Com tudo, a critica para com ella será tão severa, como para com a Sra. Orsat. Quando merecerem, serão fulminadas pelo mesmo raio, ou levantadas sobre o mesmo pedestal. A linguagem do CORSARIO hade ser franca e severa, mas decente e cortez;—não admitte discussão senão com quem da mesma maneira lhe fallar. A vida privada de todas as pessoas com quem tiver de tractar, será religiosamente respeitada.

Em quanto ao mais, no campo da discussão, o CORSARIO maneja todas as armas, menos a da calumnia ou a dos regatões de praça.



NÓS!

Eis a Sra. Leonor Orsat, conforme tinha vaticinado o nosso contemporaneo, vergada ao pezo de mais um raio de luz, que se juntou á pesadissima aureola, que lhe circunda a frente! Pobre menina! Deus queira, que o laurel de tantas glorias a não prohiba de levantar a cabeça!

O *Orsatista* vem carregado com um cabaz de encomios para depôr nas aras da sua divindade tutelar! Mas as graças da deusa excedem tanto a expectação do seu sacrificador, que depõe o seu orgulho de partidario, ao vê-la desempenhar o papel de Maria de Noronha, no Drama do Sr. Garrett—*Frei Luiz de Souza*—; e pergunta todo cheio de si—quando poderia a Sra. Jesuina Montani igualar (não exceder!) o desempenho da Sra. Orsat? A' falta d'outros juizes, appella o contemporaneo para os indifferentes. Olhai bem o que dicesteis, apostolo do novo culto! O indifferente não tem opinião; quem não tem opinião não avalia; quem não avalia é parvo! São esses por ventura os vossos juizes? Se assim é abnegamos a gloria, e não queremos ser competidores.

Todos os sentimentos nobres que adornam a vossa predilecta, tambem os encontrareis na nossa, isto é, na que defendemos contra a vossa prepotencia, e contra a vossa injustiça. Com a differença, que a Sra. Montani tem mais espirito; possui aquelle toque de fina melancolia, que caracteriza o retrato d'aquella divina criatura, abrasada n'um desejo impossivel; que se queima n'um incendio interior, que ella não sabe, não pode revelar senão n'aquellas palavras indecizas, pungentes, amargas e dolorosas, que tem toda a profunda realidade da vida. Compreendeu isto por ventura a Sra. Orsat? A sua declamação era frouxa, sem movimento, sem acção energica. A da Sra. Jesuina Montani viva, rapida, espontanea. Mas, se por acaso examinarmos bem a quasi incrivel difficuldade d'este magnifico character, havemos de confessar

despindo toda a paixão de partidarios, que nenhuma das nossas rivaes chegou, nem podia chegar, á altura d'aquella soberba criação. Em qualquer outro drama que estiver mais moldado ás suas forças, como actrizes, nós demonstraremos ao nosso collega, qual das duas é mais provavel, que ganhe a palma como revelação do seu talento artistico.

Por emquanto ficaremos aqui, regeitando todavia, uma certa insinuação malevola que apparece nas suas palavras, quando diz, «que não pretendem negar o talento da Sra. Montani, pois temeriam ser taxados de mentirosos e maculadores da HONRA d'uma DONZELLA.» Comprehendemos perfeitamente o sentido que aqui se encerra, e só responderemos ao amavel contemporaneo, que existem da nossa parte as mesmas razões para julgarmos n'esse ponto a sua predilecta tão digna como a nossa do maior respeito.

Sociedades dramaticas particulares.

O *Orsatista*, arvorou-se no gráu de censor, e julga que os dominios da critica podem entrar no seio de uma sociedade particular, arrastar para o meio das praças, cobertas de vituperios e amargos sarcasmos todas aquellas pessoas, que lhe pertencem, e que estão fora inteiramente do alcance da severidade, com que se podem tractar artistas de profissão, e não um punhado de mancebos, que reunidos no mais honroso empenho, são credores de todos os elogios e felicitações da imprensa.

Desta maneira pois, se houve o *Orsatista* para com a Sociedade Melpomene. Os socios desta Assembléa recreativa, assim como todos os seus sensatos admiradores, para cousa alguma se importam com as opiniões de escriptores de folhas semelhantes. Porém julgam, com razão, que não é muito delicado fazer uma visita, e dizer mal do dono da casa. Quando se não gosta, calla-se. E' assim, que nós entendemos a civilidade. O nosso collega é devorado por uma cede insaciavel de dizer alguma cousa. Pois falle homem! Diga alguma cousa; mas pense primeiro maduramente o que hade ser; quando não torna-se importuno, e nem todos tem a paciencia de soffrer uma injustiça, e callar-se. No nosso

humilde entender, julgamos que este nosso concelho deve aproveitar-lhe, pois não teriamos prazer nenhum, em dilatar por mais tempo este assumpto, em que o contemporaneo se collocou, representando um tão tristissimo papel.

O mesmo advertimos ao nosso collega *Montanista*. Quando falla á cerca da Sociedade Caliope, as suas expressões são baixas e indignas de serem empregadas por pessoas de educação. O modo por que ali se tracta o socio Sr. Lagos, é atrozmente indigno!

◊ "MONTANISTA."

O *Montanista* infelizmente tem a grande habilidade de comprometter mais, do que defender a causa a que se votou. Os seus artigos são tão faltos de censo commum, tão cheios das mais desgraçadas contrariedades, que não atina com uma só razão, com um pensamento unico, que não signifique inteiramente o contrario d'aquillo que procura provar.

Pedimos-lhe, em favor das letras, que não queira mais a responsabilidade d'uma missão para que não nasceu, nem a natureza o ajuda. A interpretação que dá a um artigo do *Orsatista* ácerca da Sociedade Melpomene e Euterpe, é na realidade das mais caricatas, que se tem posto em letra redonda.

E' melhor que o *Montanista* delegue em nós toda a força d'um conflicto, em que tem mostrado ser tão máu soldado; e o *Orsatista*, que volte inteiramente para nós toda a furia dos seus argumentos.

REPERCUSSÕES.

Dizem, que temos combate entre os dois partidos, que estão agora em campo. Se assim fôr, pedimos ao empresario do Theatro um panno de boca velho para amortallar as victimas.

O *coco e a polvora ingleza* levaram baixa depois que os Orsatistas demonstraram que o seu auxilio lhes era indispensavel para a continuação da campanha.

Os poetas d'agoa doce encheram a terra da
promissão. Escrevem mais asneiras em cada
verso, do que gafanhotos se encontraram na
antiga praga do Egypto.

AO SR. LUIZ MONTANI

ARTISTA CHOREGRAPHO.

SONETO.

Em teus dias de moço mais que ufanos
Soubeste dos estudos adornarte
E tiveste, no palco indo elevarte,
De Terpsichore os effluvios soberanos!

Da vida os males, e da idade os danos,
Não poderão, ó não, acovardar-te!
Honrar tu sabes inda o Gosto a Arte,
Bem que vergado ao peso de teus annos!

Qual se da dansa a bella divindade
Te alimentasse o facho violento,
Que em ti brilhar devera em toda a idade;

Tu és das artes inda um ornamento!
Inda respira em ti a mocidade,
E o sacro fogo do immortal talento!

S.

UM ANJO.

Bella, já viste um anjo, um ser formoso,
Um sorriso talvez da divindade,
Mais bella, mais brilhante potestade
Que um astro luminoso?
Pois vem... Oh! deixa que invejosa a brisa
Brincando espalhe teus gentis cabellos;
Que beije a suspirar teus olhos bellos
E tua pura tez, corada e lisa!
Vem; aqui pára. O lago crystallino
Espelha a meiga face enamorado

Para aos céos mostrar-lhe retratado,
O teu corpo divino!
Agora, agora, que dormita a aragem,
Que ves?—A tua imagem
Nesse lago dormente?...
Não... a imagem de um anjo tão somente!
Anjo... Foge, que os anjos debruçados
Na celeste morada,

Lá contemplando estão extasiados
Tua candida imagem delicada!
Oh! se acaso mudar-lhes fosse dado
A essencia angelical na essencia humana,
Os filhos da morada soberana
Deixariam o céo despovoado!
E rivaes uns dos outros sobre a terra,
Por ti em crua guerra,
Esqueceriam palmas do P'raiso,
Se tivessem por premio um teu sorriso!

F. E. C.

CHARADA.

Guilherme Tell por aqui
Começa a ser conhecido—1
Guilherme Tell por aqui
Continúa a ser ouvido.—1
E, se em vez desta terceira
A segunda aqui se achara,
Esse famoso Guilherme
Té por mim acabára.—1
Porem achar este fim
Só no principio do nada.—1

E qual será a donzella
Que é desta sorte chamada?

N. B.—O *Corsario* não dá explicação das
suas charadas.

RIO DE JANEIRO

TYP. GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES.

Rua de S. José n. 45.